



## A CIDADE ESQUECIDA: PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E O OCULTAMENTO DA MEMÓRIA DO TRABALHO

### THE FORGOTTEN CITY: INDUSTRIAL HERITAGE AND THE CONCEALMENT OF THE WORK MEMORY

Jossana Peil Coelho\*

Francisca Ferreira Michelin\*\*

**Resumo:** As indústrias, na década de 1950 - nas cidades de Caxias do Sul, Pelotas e Porto Alegre - no Rio Grande do Sul, foram responsáveis por representativo desenvolvimento e progresso destes locais. Os espaços fabris não só se destacavam pela paisagem urbana como eram importantes para a economia da região, em especial porque empregavam um grande número de trabalhadores. Atualmente, muitas dessas fábricas fecharam ou se mudaram, deixando, de distintos modos, os complexos fabris que ocupavam. Alguns destes foram considerados patrimônios culturais da sua cidade. No entanto, mesmo reconhecendo os valores, que, na época da fábrica operante eram vigentes, diluíram-se com o seu fechamento. Tal fato se aplica à memória do trabalho, da qual tais espaços eram testemunhas. Entende-se, assim, que essa diluição pode vir de um ocultamento silencioso sobre as muitas cidades que qualquer cidade detém. Nesse caso, sobre a cidade operária, que ostentava apenas a força do trabalho e as tecnologias de produção fabril.

**Palavras-chave:** Cidade. Patrimônio Industrial. Memória do Trabalho.

**Abstract:** The industries in the 1950 decade in the cities of Caxias do Sul, Pelotas and Porto Alegre, in Rio Grande do Sul, were responsible for typical development and progress of these places. The factory spaces not only stood out in the urban landscape as they were important for the economy in the region, especially because they employed a large number of workers. Nowadays, many of these factories are closed or have moved, leaving, in different ways, the factory complexes that they occupied. Some of them were considered cultural heritage of their city. However, even though being recognized this way, the values, that in the epoch of the operant factory were in force, have diluted with its closure. And this applies to the work memory of which such spaces were witnesses. It is understood that such dilution can come

\* Mestre e Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e Bacharelado em Museologia pela UFPEL.

\*\* Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas nos cursos de Bacharelado em Museologia, Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Moveis e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Graduada em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade Federal de Pelotas, possui mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001).



from a silent concealment about the many cities that any city holds. In this case, about the worker city, which displayed only the work force and the factory production technologies.

**Keywords:** City. Industrial Heritage. Work Memory

## Introdução

Tem-se na indústria um setor que muito contribui não só para a economia, mas para as transformações que ocorrem na sociedade, como a urbanização, o desenvolvimento tecnológico e das classes sociais (PESAVENTO, 1985). Quando as indústrias estão no meio urbano, essas modificações são mais evidentes. O espaço fabril quando instalado, por sua área sempre mais elevada comparado ao que se tem no entorno, torna-se marco na paisagem, já provocando mudanças no seu meio e também pela logística que essa tipologia carece, potencializando essas mudanças, visto que aumenta o fluxo de veículos e pedestres, justificando que o sistema urbano receba alterações. Diante disso, pessoas são empregadas e procuram moradia próxima ao trabalho, ocorrendo uma ocupação efetiva do bairro, quando a própria fábrica não proporciona uma vila operária. Assim, como num ciclo, surge a necessidade de uma infraestrutura, surgindo comércios, escolas e tudo mais que se faz necessário para viver-se em sociedade.

Não são raros os casos que se assemelham aos aqui narrados. No Rio Grande do Sul, em três cidades industrializadas, Caxias do Sul, Pelotas e Porto Alegre, há exemplares que se encaixam nessa sistemática, como a Metalúrgica Abramo Eberle S.A., a Laneira Brasileira S.A, e a Cervejaria Brahma, respectivamente localizada nas cidades citadas.

Além do destaque quanto ao progresso e à modernidade que a implantação desses espaços fabris proporcionaram aos seus municípios, também se assemelham por já terem cessado suas atividades nessas localidades. No entanto, seus remanescentes imóveis hoje recebem algum tipo de patrimonialização e abrigam ou possuem projeto de um novo uso.

A Metalúrgica Abramo Eberle S.A., a MAESA (Figura 1), como assim é chamada e reconhecida em Caxias do Sul, teve seu início em 1886, ainda como funilaria, tornando-se metalúrgica em 1904, e em 1945 protocolou-se, na prefeitura do município, o projeto arquitetônico do prédio referido. Para a sua construção, foi escolhida uma zona afastada do centro e praticamente desabitada, hoje bairro Exposição. O espaço fabril foi composto por pavilhões com ruas e jardins entre os prédios, esses em concreto armado, as fachadas com

revestimento de tijolos aparentes, simetria nas aberturas, planta baixa com espaços livres, seguindo os padrões ingleses da arquitetura industrial da época, uma inovação para a cidade.

Figura 1: Vista aérea da MAESA



Fonte: Jornal do Comércio

Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_midias/jpg/2016/03/30/eco\\_40258-466325.jpg](https://www.jornaldocomercio.com/_midias/jpg/2016/03/30/eco_40258-466325.jpg). Acesso em 25/fev/2019

A inauguração do novo prédio da Metalúrgica foi em 1948 e sofreu uma expansão física em 1957 e reforma interna em 1987, porém mantendo seu estilo original. Esse espaço fabril foi responsável pelo desenvolvimento do seu bairro, pois, como já mencionado, muitos trabalhadores construíram suas casas no entorno da fábrica, transformando-o em um bairro típico operário, alterando a paisagem e acarretando na instalação de diferentes serviços, como a implantação de escolas.

Ao longo dos anos, o imóvel sempre manteve sua atividade fabril metalúrgica com diferentes proprietários, sendo o último a empresa Mundial, que alugava o prédio para outra empresa, o Grupo Voges. Em 2010, por acordo de dívidas, o bem passa a ser propriedade do Estado até 2016, quando é doado para a Prefeitura. Devido à indefinição do futuro do imóvel os caxienses, com ajuda da Câmara de Vereadores, conseguem o tombamento pela Prefeitura, via Secretária da Cultura em junho de 2015. A doação do prédio foi feita com o acordo de que ele abrigasse setores públicos e culturais. Com isso, o prédio começou a ser ocupado em 2017, transferindo-se para um pequeno espaço, a Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria da Cultura e o posto de monitoramento 24 horas da Guarda Municipal. Uma parte do prédio, ainda ocupada pelo Grupo Voges como locatária, porém foi dado o prazo de desocupação até o segundo semestre de 2018, o que não foi cumprido, logo há um processo judicial para resolver a questão. A desocupação imediata é necessária para



que seja feito, por uma empresa de arquitetura especializada, selecionada via licitação, o levantamento arquitetônico e fotográfico, prospecção arquitetônica, diagnóstico, e zoneamento das atividades, indicação de tipo e grau de intervenção, recomendações para edificar e medidas de conservação.

Outro exemplar fabril, nos mesmos moldes, trata-se da Laneira Brasileira S.A. (Figura 2), fundada em 1945 em Porto Alegre, mas que mudou-se para Pelotas em 1949, quando construiu sua sede no bairro Fragata, o qual, já conformado, passou por mudanças e desenvolvimento em função da fábrica instalada.

Figura 2: Fachada da Laneira S.A. (década de 1980)



Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPel.

O prédio, da mesma época da MAESA, também possui semelhanças em suas estruturas, pois a fachada tem o mesmo revestimento: o tijolo a vista, com padronização das aberturas e internamente com grandes vãos criando plantas livres. Esse imóvel sofreu acréscimos significativos nos anos de 1956 e 1972, mas manteve o estilo arquitetônico original.

O espaço fabril funcionou até 2003, quando foi decretada sua falência, ficando fechado até 2010, quando a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) adquiriu o prédio. Desde então, apenas uma pequena parte lateral é utilizada, onde funcionavam as atividades administrativas da fábrica, por setores do Hospital-Escola. Nas demais áreas, há um espaço sendo utilizado temporariamente para depósito de bens fora de uso (inservíveis), e o restante da edificação permanece desocupada, sofrendo as ações do tempo, apresentando patologias e danos que comprometem a estrutura do prédio.

Devido a uma solicitação da Reitoria da UFPel à Secretaria Municipal de Cultura, a Laneira foi incluída no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas em dezembro de 2013, recebendo, assim, uma proteção legal, que até então não possuía.

Há uma proposta de novo uso para esse espaço fabril, intitulado Laneira Casa dos Museus, que contempla uma área de ensino para cursos de graduação e pós-graduação que trabalham com patrimônio cultural, uma área de eventos, com amplo anfiteatro, e uma área cultural para museus universitários. Essa proposta já possui um projeto arquitetônico de reciclagem e requalificação, atendo os princípios do Desenho Universal, propondo um prédio integralmente acessível, porém colaborando para a preservação da paisagem e da memória do local.

Cita-se, por fim, a Cervejaria Brahma (figura 3), abrigada pelo prédio construído em 1911, para sediar a Cervejaria Bopp. Em 1924, passou a pertencer a Cervejaria Continental, em 1946 pela Brahma, que permaneceu com o espaço operante até 1998.

Figura 3: Fachada da antiga Cervejaria Brahma



Fonte: Google Maps

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-30.0252067,-51.2121393,3a,73y,168.62h,102.12t/data=!3m6!1e1!3m4!1sslzoX9fqlUf7ROVIsHAlgw!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-BR>. Acesso em 25/fev/2019

A edificação construída em concreto armado, na época, a maior do Brasil desse tipo construtivo. Em estilo eclético, possui um conjunto de esculturas em suas fachadas que chamam a atenção no imponente prédio instalado no bairro Floresta, o qual também apresentava outras unidades fabris, porém - com funcionamento da cervejaria- houve um acréscimo populacional, gerando demanda por novos serviços.



No ano seguinte ao seu fechamento, houve o tombamento em nível municipal, por meio da Secretaria de Cultura do município, sendo apenas os prédios considerados com mérito histórico, arquitetônico, paisagístico, alguns bens integrados e a chaminé foram tombados, desconsiderando outras construções em uma área considerável. Desde 2003, o espaço fabril é ocupado por um shopping center depois de passar por uma intervenção arquitetônica, a qual preservou apenas os imóveis tombados, descaracterizou alguns espaços, e demoliu imóveis.

Esses três exemplares de fábricas gaúchas possuem uma proteção legal por serem patrimônios culturais, e facilmente poderiam ser consideradas como patrimônio industrial, mas uma análise dos processos de tombamento e das leis patrimoniais que as edificações estão incluídas, além de uma visita aos locais pode-se perceber que essa tipologia não foi realmente considerada.

### **Patrimônio industrial esquecido nos processos de patrimonialização**

O patrimônio industrial é definido pela Carta de Nizhny Tagil<sup>1</sup>, um dos principais documentos sobre essa tipologia de patrimônio, o qual afirma que “O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico” (TICCIH, 2003). Além de citar seus valores, também cita exemplos de bens que podem fazer parte do patrimônio industrial, como os próprios edifícios, máquinas, meios de transporte, locais de sociabilidade, residências e locais de educação.

Cabe salientar que um dos valores do patrimônio industrial é o social, valor esse que está extremamente ligado aos atores envolvidos com esse bem, como colocado na Carta de Nizhny Tagil “O patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário.” (TICCIH, 2003).

Como já mencionado, as fábricas influenciam diretamente em seus entornos, fato que também deve ser levado em consideração quando tratado o valor social, pois esse não está limitado ao espaço fabril, e sim em toda a área que a indústria, de certo modo, influenciou com sua presença, criando um local de abrangência maior que penas uma edificação.

<sup>1</sup> Documento elaborado durante a reunião do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), em julho 2003, na Rússia.



No caso da MAESA, em Caxias do Sul, o espaço fabril analisado refere-se à expansão de uma empresa já reconhecida no estado do Rio Grande Sul. Assim, a chamada Fábrica 2 foi construída longe do centro da cidade, onde ficava sua matriz, pois esta já apresentava saturação de serviços, necessidade de modernizações das práticas tecnológicas e dificuldades da circulação de mercadorias, por isso a necessidade de novas instalações, em uma área periférica da cidade próxima a rodovia BR116. “Assim, a MAESA foi uma das primeiras indústrias caxienses a forçar o crescimento da cidade para além dos seus limites urbanos” (COSTA, 2013). Hoje, bairro Exposição, era uma área rural com pouca estrutura, que com o funcionamento da Metalúrgica atraiu moradores, principalmente os operários e, conseqüentemente, serviços, educação e cultura. Ressalta-se, ainda, que nesse local já funcionava o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), desde 1944, construído em um terreno doado pela prefeitura. Tal fato pode ter contribuído, também, para a construção do novo espaço fabril, pois o Senai e a Metalúrgica tinham ligações, visto que os primeiros professores da escola eram funcionários da Eberle, em virtude disso há uma escola chamada “aula de desenho Dr. José V. Eberle”, criada em 1940. Além disso, havia um edital que determinava aos empregadores matricular 5% dos operários aprendizes, e 1% para trabalhadores menores. (HEREDIA, p. 82).

Nos jornais da época da MAESA operante, é possível encontrar propagandas de estabelecimentos que inauguraram próximos à fábrica, como uma farmácia e armarinho, além de terrenos para vender nos classificados, percebendo-se, assim, as transformações que o bairro começava a sofrer.

Também é possível perceber a questão social, além do trabalho, que a fábrica proporcionava. Havia o Grêmio Atlético Eberle que organizava atividades esportivas, contando com dois times de vôlei, um feminino e outro Masculino, e times masculino de basquete e futebol, além das práticas de tênis, bolão, bocha e esgrima. O grêmio também possuía um departamento cultural que organizava uma Escola de alfabetização, onde tinham aulas nas dependências da metalúrgica quatro noites por semana. A religiosidade, igualmente, era presente nas dependências da fábrica, há, inclusive, notícias de que os funcionários de cada departamento se organizavam e angariavam fundos para a compra de imagens sacras para seus locais de trabalho, como por exemplo, os funcionários do departamento de expedição e acondicionamento que adquiriram a imagem do Sagrado Coração de Jesus para colocar no seu departamento, na ocasião houve inauguração com a presença da administração



e de um padre<sup>2</sup>. Outro exemplo de sociabilidade ocorreu em março de 1974, quando houve uma convocação dos colaboradores da metalúrgica para fazer parte de um coral, a intensão era conseguir 300 vozes para se apresentar na Feira da Uva do corrente ano<sup>3</sup>.

Fica claro, nessas reportagens, que sempre houve uma valorização da MAESA, como a visita de pessoas influentes e autoridades à Caxias do Sul, para conhecerem as instalações fabris da metalúrgica<sup>4</sup>, e sempre com termos que a enalteciam, como as citações: “Uma indústria que honra o Rio Grande do Sul”, no jornal A Noite- na página 38 do dia 9 de maio de 1944; e o jornal Correio Rio Grandense, na página 4 do dia 23 de abril de 1958, “Alavanca propulsora do progresso Caxiense”.

Somente com esses exemplos compreende-se que a metalúrgica fez parte da evolução, não apenas do seu bairro, mas da cidade e de toda a sua sociedade de alguma maneira (direta ou indiretamente) atou nesse espaço fabril ou acompanhou sua história.

Nesse mesmo contexto, diante do possível uso mobiliário e comercial, a União das Associações de Bairros propôs o tombamento da MAESA em 2011 ao município. Durante quatro anos, o pedido foi analisado pela Secretaria Cultura e pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural, quando ocorreram visitas e palestras, ocasionando um envolvimento de toda a comunidade, sendo, assim, tombada, em nível municipal, em junho de 2015. No livro tombo, a justificativa da proteção diz:

A preservação encerra significado material e constitui testemunho de caráter imaterial ali incorporado, enquanto expressão da mentalidade que se forje ao longo do processo de colonização e de evolução da cidade: o de que o trabalho e a perseverança trazem o desenvolvimento e o progresso individual e coletivo. Estes aspectos também se refletem no processo de ocupação do solo e a formação da paisagem urbana. Como polo de mão de obra, atraiu trabalhadores que, nas quadras adjacentes, ergueram suas moradias e construíram um bairro tipicamente operário. Por sua vez, esse aglomerado atraiu novos serviços, transformado o entorno em um cenário único em que a educação, lazer e convivência de harmonizam. A implantação do Colégio Henrique Emílio Meyer para atender os filhos dos operários, contíguo ao Parque Infantil Monteiro Lobato, a capacitação técnica

<sup>2</sup> Conforme notícia veiculada pelo jornal “O Pioneiro” em 25 de novembro de 1950. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01 de fev de 2019.

<sup>3</sup> Conforme notícia veiculada pelo jornal “Correio Riograndense” em 20 de março de 1974. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01 de fev de 2019.

<sup>4</sup> Podem-se citar dois exemplos, como a visita do então Presidente da República Getúlio Vargas juntamente com o então Governador do Estado do Rio Grande do Sul Ernesto Dornelles (Conforme notícia veiculada pelo jornal “A Noite” em 13 de abril de 1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01 de fev de 2019). E a visita nos mesmos moldes em 1961, com o então Presidente da República Jânio Quadros juntamente com o então Governador do Estado do Rio Grande do Sul Leonel Brizola (Conforme notícia veiculada pelo jornal “Correio Rio-Grandense em 29 de março de 1961. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01 de fev de 2019).



propiciada pela Unidade Nilo Peçanha do Serviço Nacional da Indústria, exemplificam a construção de uma identidade espacial. (CAXIAS DO SUL, 2015, p. 54)

Em Pelotas, o exemplo colocado refere-se à Laneira, instalada no bairro Fragata por apresentar proximidade com a estação férrea, o Porto e rodovia de acesso à cidade, facilitando a chegada e escoamento de produtos e mercadorias, além de ser um bairro limítrofe ao centro e possuía curso de água, fundamental para o beneficiamento da lã, sua matéria prima. O Fragata, na época do seu funcionamento, ainda era pouco urbanizado e não havia quase residências, era marcado pela presença do cemitério<sup>5</sup> e grandes propriedades como o Parque Souza Soares<sup>6</sup> e a Residência de Carlos Ritter<sup>7</sup>.

No entanto, com o funcionamento do espaço fabril, o Fragata começa a ter características de bairro residencial com a construção das casas dos seus operários e a instalação de serviços. Há uma particularidade no caso da Laneira, que diferentemente de muitas fábricas, seus operários moravam sim no seu entorno, mas de forma dispersa, possivelmente por o bairro já estar constituído, na época, da instalação da indústria e já apresentar-se com grandes áreas.

Construída com semelhança de um grande galpão e na fachada usaram tijolos à vista, textura pouco comum ainda na região, a fábrica se destacava na paisagem e, até hoje é um marco na Avenida Duque de Caxias, como também um ponto de referência, mesmo aqueles que não viram o espaço fabril operando, não sabem o que foi a Laneira, conseguem localizar seu imóvel dentro do bairro.

Não diferente das grandes indústrias, a Laneira também desenvolvia a prática esportiva. A fábrica possuía um time masculino de futebol de campo, que era bem conhecido, com fama de um dos melhores times das indústrias, pois disputava vários torneios, inclusive fora da cidade. Houve também campeonatos de futebol de salão disputados entre equipes dos setores da fábrica (COELHO, 2017).

<sup>5</sup> O cemitério São Francisco de Paula foi construído em 1855, longe da zona central, no final da então estrada do Fragata, hoje Avenida Duque de Caxias, devido ao risco de uma epidemia, pois havia aparecido a cólera na cidade. (OLIVEIRA, 2007, p. 19)

<sup>6</sup> Fundado em 1883, o Parque Souza Soares contava com a residência da família proprietária, residência dos funcionários, um laboratório de medicamentos, uma tipografia, uma capela e uma grande área de lazer aberta a comunidade com vasta vegetação e espaço para esportes. Atualmente, não há vestígios imóveis do parque. (OLIVEIRA, 2007, p. 26 e 27)

<sup>7</sup> Construída em meio ao grande área verde, recebeu o nome de Vila Augusta, a Residência de Carlos Ritter foi erguida entre 1908 e 1913. Contava com um jardim extenso que tinha um pequeno lago e jardim de inverno. Hoje é propriedade da Universidade Federal de Pelotas e abriga cursos da área da saúde.



A religiosidade, igualmente, estava presente na dependência da fábrica, no corredor de acesso à Laneira foi construída pelos funcionários uma gruta, no qual recebe a imagem de Nossa Senhora de Lurdes e Santa Bernadete, adquirida pelos mesmos funcionários. No refeitório, na ocasião da sua inauguração, também houve a colocação de imagem sacra em destaque na parede da dependência.

A Laneira funcionou por 55 anos atuando no desenvolvimento do bairro Fragata, sendo uma das principais indústrias da cidade e da região sul do estado. Seus operários relatam que gostavam e se sentiam orgulhosos de fazer parte dessa fábrica, e destacam as amizades formadas no espaço fabril. Uma particularidade da Laneira é que não oferecia vagas em regime de safra, comum em outras fábricas de Pelotas, quando o funcionário é contratado temporariamente para época da alta da matéria prima, o que favorecia a convivência por longos períodos, facilitando a sociabilidade e o reconhecimento da fábrica por seus agentes (COELHO, 2017).

A proteção legal da Laneira aconteceu em 2013, quando foi incluída na lista de inventário do Patrimônio histórico e Cultural de Pelotas<sup>8</sup>, através de um decreto. O imóvel é enquadrado no nível de proteção II, que conforme o III Plano Diretor<sup>9</sup> devem ser preservadas suas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, pois é importante para a memória de Pelotas.

O outro exemplo é a Cervejaria Brahma em Porto Alegre, como é atualmente conhecida. Esse espaço fabril foi construído no bairro Floresta, que já era caracterizado como área industrial pela presença de outras indústrias (algumas também eram cervejarias). O bairro Floresta, inicialmente, era um densa área verde com algumas chácaras, sendo esse o motivo da denominação do bairro.

O espaço fabril foi construído para abrigar as instalações da Cervejaria Bopp, fundada 1891, pois precisava expandir sua produção, assim o local escolhido se deu pela boa qualidade da água que existia nas proximidades. O prédio ficou marcado pela sua construção grandiosa em concreto armado para época, além da vasta decoração das fachadas, que ainda chama atenção na paisagem. Diversas esculturas simbolizam o produto comercializado, a família, a fartura, o comércio e outras simbologias.

<sup>8</sup> Lei nº 4568 de 7 de julho de 2000, que declara áreas da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas (zppc's) e lista seus bens integrantes.

<sup>9</sup> Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências.



Sobre a relação da construção da fábrica e o bairro, a arqueóloga Thiesen, comenta:

A implantação da Bopp Irmãos gerou um incremento populacional no bairro. Primeiro, porque a fábrica passou a ser vista como um empregador em potencial, e este fato favoreceu, por seu turno, a construção de casas e outras edificações, como os cortiços, que serviram de moradia para aqueles que precisavam alugar um domicílio perto do local de trabalho.

Esse aumento populacional gerou uma demanda por novos serviços urbanos, que se concretizaram no calçamento e abertura de novas ruas, extensão da rede de iluminação e de abastecimento de água encanada. [...] A progressão populacional também levou a um aumento das atividades comerciais, crescendo o número de tavernas, lojas e oficinas, entre outras. (THIESEN, 2005, p. 231 e 232)

Em 1924, a Cervejaria Bopp se funde a mais duas (Sassen e Ritter), surgindo a Cervejaria Continental, porém continuam a operar na sede da Bopp, tornando-se, dessa forma, a maior cervejaria do estado, e extinguindo praticamente toda a concorrência na capital gaúcha e região. Assim, ampliou suas instalações e se aperfeiçoou tecnicamente, investiu na produção e beneficiamento da cevada e desenvolveu câmaras frias para a refrigeração da cerveja e fabricação de gelo. No entanto, em 1946, depois de dois anos de negociação, a fábrica é vendida à Cervejaria Brahma do Rio de Janeiro, que funcionou no local até 1998, quando a fábrica transferiu-se para a cidade Viamão.

A relação da fábrica com o seu entorno, assim como as relações de sociabilidade formadas por conta da cervejaria, ainda são pouco conhecidas. O único fato encontrado, nos jornais locais, que envolve a comunidade e a fábrica, foi a enchente de 1941, considerada a pior que Porto Alegre já sofreu, pois acarretou na falta de luz e água, e os moradores do bairro Floresta buscavam água potável na cervejaria, visto que essa possuía poços artesianos<sup>10</sup>.

Logo após o encerramento das atividades, em Porto Alegre, Cervejaria Brahma, no ano seguinte, o espaço fabril foi tombado pelo município, através da Secretaria Municipal de Cultura, por iniciativa da Equipe do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultura (Epahe) da própria secretaria. No documento de Notificação, de 11 de maio de 1999, são colocados os motivos do tombamento, quais sejam: o mérito histórico, arquitetônico e paisagístico da maior fábrica do gênero em Porto Alegre na época da sua construção, além de ser projeto de importante arquiteto imigrante alemão, portanto a fábrica tornou-se um marco referencial da expressão de imigrantes alemães no município.

<sup>10</sup> HISTÓRIAS e fotos da maior enchente de Porto Alegre. Sul 21, 18 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/em-destaque/2015/10/historias-e-fotos-da-maior-enchente-de-porto-alegre/>. Acesso em: 05 fev. 2019.



O tombamento contempla os imóveis administrativos, da fabricação da cerveja, casa de máquinas, depósito de matéria prima, adega, caldeiras e a chaminé, e todos os demais bens integrados dessas edificações. Ficaram de fora os imóveis que foram sendo erguidos ao longo dos anos, como depósitos, oficinas, residências dos altos funcionários, maltaria, e destaque para o refeitório, enfermaria, serviço social e recreação.

No início dos anos 2000, o espaço fabril passa por intervenção para abrigar seu novo uso, um shopping, porém os prédios tombados seriam mantidos e restaurados. No entanto, os prédios, o qual abrigava o refeitório, enfermaria, uma residência, recreação, vestiários, caixotaria e engarrafamento, foram mantidos apenas sua estrutura principal, sendo fortemente modificado. Os demais prédios foram destruídos, como depósitos e oficinas, durante a intervenção.

Têm-se três exemplares de espaço fabris com potencial de patrimônio industrial, pois apresentam em seus históricos todos os valores que são característicos de tal patrimônio, porém em nenhum deles há o reconhecimento enquanto patrimônio industrial. A única patrimonialização, que mais se aproxima de todos os valores, é a da MAESA, que como citado, menciona os bens imateriais, os indivíduos, a paisagem e outros espaços que fazem parte do contexto, mas o tombamento é apenas da edificação fabril. Enquanto a Cervejaria Brahma tem tombado apenas os edifícios com potencial arquitetônico e artístico, nem há menção a qualquer outro valor, inclusive aqueles espaços que potencialmente fazem parte da sociabilidade, como o refeitório, não foram levados em consideração e foram descaracterizados na intervenção. Na Laneira, por sua vez, a proteção refere-se apenas à volumetria, não considerando nenhum outro valor se não o arquitetônico, embora esteja enquadrado em um nível de proteção que salienta a memória da cidade.

A partir do que foi aqui descrito, pode-se observar como o novo uso interfere na questão memorial desses espaços de trabalho, levando em consideração os diversos atores que as fábricas criavam, além dos entornos moldados por elas, salientando, diante disso, como a patrimonialização pode ou não interferir nessas memórias.

### **O novo uso e a memória**

Dos patrimônios aqui apresentados, apenas a antiga Cervejaria tem um novo uso em funcionamento, um shopping center. Na ocasião da inauguração do empreendimento, foi



distribuído um encarte publicitário nos jornais da cidade sobre o espaço comercial, no qual era destacada a preservação de prédios históricos.

Em toda a publicação, é possível notar que a própria edificação também é tratada como um atrativo, porém se limitam ao um pequeno histórico do imóvel e descrição do processo de tombamento e informam sobre a importância da restauração dos prédios tombados para a história da cidade e da arquitetura. Dois pequenos trechos devem ser considerados, um é a fala de arquiteto da Secretaria de Cultura que afirma que a restauração da fábrica é importante por ser um projeto do maior arquiteto da época, e a de um arquiteto responsável pela intervenção, que agora a cervejaria é uma “unidade industrial revitalizada sem perder sua identidade” (NETO, SCHERER, PRUNES, 2003, p. 6).

Sobre a preservação do patrimônio, além da edificação, como a memória do trabalho, não foi encontrada nenhuma proposta, o que foi previsto para o shopping era abrigar o Museu da Cerveja, onde uma coleção particular seria exposta, apresentando peças diversas, como taças, latas, bolachas e itens relacionados. Tal proposta nunca chegou a ser implementada.

É notável que a preservação da Cervejaria Brahma acontece apenas no seu imóvel, tanto pela imagem que o shopping divulga, quanto pelo próprio tombamento, que preserva apenas os prédios que são de estilo eclético e apresentam visíveis características artísticas, deixando desprotegidos aqueles com potencial de sociabilidade como o refeitório, o qual acabou sendo descaracterizado na intervenção, além de não fazer nenhuma menção ao valor social e seu entorno.

Notícia veiculada dias após o tombamento, em jornal de grande circulação no estado, afirma, sobre a decisão do que deveria ser tombado, que foram protegidas apenas as de maior relevância arquitetônica, e as de estrutura mais simples que não apresentavam “grandes atrativos históricos e acabaram não fazendo parte do tombamento” (LEDUR, 1999, p. 30), logo podiam ser derrubadas ou modificadas.

Pode-se observar na imagem (Figura 4), a grande parte do espaço fabril que foi descaracterizada ou demolida, sendo preservados apenas os imóveis tombados (em laranja). Ao visitar o shopping, não se encontra nenhuma referência a esses espaços, porém a identificação quanto ao passado fabril fica apenas pela presença da chaminé e na inscrição “Companhia Cervejaria Brahma” na fachada voltada para o estacionamento do empreendimento, estes incluídos no tombamento. No site do Shopping, há um espaço para o

histórico da edificação (<http://www.shoppingtotal.com.br/site/centro-cultural/historia/>), onde relata brevemente sobre as cervejarias ali estiveram, focando nas edificações.

Figura 4: Foto aérea do shopping com sobreposição da planta baixa da Cervejaria Brahma com hachura nos prédios tombados



Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Quanto ao seu entorno, conhecido na época da construção da cervejaria como o bairro das chaminés, era um espaço fabril e de vilas operárias. Com o fechamento de muitas dessas indústrias, o bairro começou por processos de degradação, afastando seus moradores, agravando a insegurança no local. Ainda hoje é visto como um bairro residencial, embora ainda sofram com as consequências do abandono das fábricas. Porém, algumas medidas estão sendo feitas para revitalizar o bairro, como a própria instalação do Shopping na antiga cervejaria. Outros empreendimentos foram realizados como o Vila Flores<sup>11</sup>, que abriga um centro de cultura e escritórios de economia criativa. Além dos esforços por parte da prefeitura municipal, com planejamentos urbanos, para a revitalização do 4º distrito<sup>12</sup>, que compreende o bairro Floresta e mais quatro bairros vizinhos.

Não é possível notar na revitalização, ainda em curso do bairro Floresta, a preocupação efetiva quanto seu passado de espaço de operários, embora, no discurso preservacionista do poder público (prefeitura), sempre apareça o histórico da região, o qual

<sup>11</sup> Construído entre os anos 1925 e 1928, é um complexo arquitetônico formado por 3 edificações e um pátio, projetado para residências de aluguel, já que o bairro crescia com a ida de operários. As edificações estão listadas no Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Bairro Floresta, classificadas como imóveis de Estruturação e situadas em Área de Interesse Cultural de Porto Alegre.

<sup>12</sup> O 4º distrito de porto Alegre é formado pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes Humaitá e Farrapos.



não é efetivado de fato. Não foi encontrada nenhuma ação de identificação de residências e vilas operárias nem quanto a memória desses moradores ou, até mesmo, alguma atuação junto aos antigos operários que ainda residem nesse espaço.

Nos outros dois exemplos aqui tratados, os novos usos ainda não foram implementados de fato (MAESA e Laneira), mas possuem projetos para que aconteça. Deve-se salientar que, em ambos, há uma preocupação com o patrimônio de forma ampla e seu entorno.

No caso da Laneira, o projeto arquitetônico de ocupação contempla o memorial da Laneira, que ficará localizado junto a uma prensa, exemplar das únicas duas máquinas remanescentes da fábrica, e contará com um acervo de itens que foram resgatados pela UFPel, quando adquiriu o prédio. Já a MAESA, possui apenas um projeto de intervenção elaborado pela Comissão Especial para análise de uso do prédio da Metalúrgica Abramo Eberle S/A – MAESA, que propõe um programa de necessidades. Nesse programa, é previsto o Museu do Trabalho que tem o objetivo e preservar a memória da Metalúrgica. Um ponto que deve ser destacado que em todo o documento aparece essa preocupação com a memória do espaço e do entorno, como o conceito de uso sugerido:

Transformar o conjunto de prédios da MAESA numa grande área cultural, de convivência e lazer para a comunidade de Caxias do Sul e região, levando em conta todas as condicionantes históricas, urbanísticas, socioambientais e paisagísticas, em função de demandas que fundamentem em uso consistente e realista. (CAXIAS DO SUL, 2015, p. 26)

Nota-se que a intenção é a da preservação e valorização desses dois bens patrimoniais de forma ampla, além de suas edificações, porém deve-se atentar para que esses projetos sejam concretizados como propostos. No caso da Laneira, o projeto de reciclagem e requalificação já teve sua versão aprovada na Prefeitura de Pelotas, embora não sirva de garantia, uma vez que essa não garante que os usos propostos sejam efetivados, apenas as questões físicas de projeto, mas já é um primeiro passo para a sua concretização. A MAESA, na lei de doação do Estado para a Prefeitura, o artigo 2º coloca que o seu uso deve ser público com finalidade cultural, garantindo a sustentabilidade do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural. Da mesma forma, a lei não garante a instalação de um museu que preserve a memória fabril, mas o seu uso cultural está garantido, podendo abranger essa instituição.



## Considerações Finais

Exemplificaram-se três bens patrimoniais que, em sua origem, eram fábricas, as quais foram responsáveis por representativo desenvolvimento do bairro onde foram implantadas, destacando-se pela paisagem e atraindo operários para fixar residência em seus entornos. Esses exemplos também se caracterizam por terem deixado suas edificações originais pelo encerramento das atividades, tanto por mudança quanto por falência.

Outro ponto em comum nestes três exemplos referem-se aos valores vigentes da época da fábrica operante, como os sociais e técnicos, além dos bens móveis e imateriais, os quais hoje estão esquecidos. Isso se aplica à memória do trabalho, da qual tais espaços eram testemunhas.

Entende-se que o esquecimento desses valores pode vir de um ocultamento tanto por quem tem a propriedade desses bens, como pelo poder público. Ficou claro, dessa forma, pelo que foi exposto sobre os meios de proteção, que - no ato de patrimonialização - não foi levado em conta o que realmente as cidades operárias ostentavam: seus operários e as tecnologias da produção fabril.

No exemplo da Cervejaria Brahma, a memória do trabalho/trabalhador também não aparece quando implementado um novo uso, fato que influencia diretamente em seu entorno, já que é formado por moradores, logo, possivelmente, muitos sejam antigos operários. No entanto, para muitos, não há mais motivos para continuar nesse local, desfazendo-se, dessa forma, de uma identidade que foi construída em razão do espaço fabril. Assim, sem o foco que mantém a memória latente e a identidade viva, os atores se disseminam, e o bem fica esvaziado de valores e sentidos. Ademais, considerando que no auge da cervejaria, na década de 1940, ela tinha, em seu espaço, em torno de 800 funcionários ativos, pode-se pensar em um número bem alto de atores que faziam parte dessa comunidade, lembrando que esses atores referem-se, além dos operários, às suas famílias, aos vizinhos, aos donos e prestadores de serviços, os quais, também, estão no entorno, até mesmo aqueles transeuntes frequentes.

Fica evidente, diante disso, que o tombamento é um processo importante, portanto deve-se a ele o fato de esses espaços fabris ainda estarem de pé, porém ele deve ser acompanhado de uma valorização e apropriação de toda uma comunidade, mas especificamente dos seus atores, os quais estão sendo esquecidos nesses processos de tombamento.



As propostas de novo uso, tanto da MAESA, quanto da Laneira, apresentam soluções que podem ajudar para que a memória do trabalho não seja perdida, por meio da implementação dos museus. No entanto, esses devem ter a missão de resgatar, valorizar e promover a apropriação dessa memória fabril, a fim de buscar a interação com a comunidade, principalmente com aqueles antigos operários, e também outros atores da fábrica, que ainda estejam no seu entorno, como forma de manter viva e valorizar suas memórias e sua identidade. Vale lembrar que o Shopping, quando inaugurou, tinha um projeto de museu que nunca foi aberto, se não houver uma vigilância quanto à implementação total dos projetos, esses podem ter seus usos alterado.

Sabe-se que o novo uso, nesses espaços fabris, muitas vezes são acompanhados de mudanças em seu entorno, onde áreas degradadas pelo fechamento de fábricas começam a ter adaptações à nova realidade, portanto bairros operários começam a ganhar uma nova identidade, como é possível observar no caso da Brahma. A retomada de fluxo de habitantes e transeuntes realmente é de suma importância, tanto para questões urbanas, quanto para aqueles que ainda permanecem nesses bairros, colaborando para a segurança e também serviços que podem voltar a aparecer, mas, para isso, esse novo perfil não pode desconsiderar o passado do local, principalmente quando há um patrimônio envolvido e seus atores ainda estão no entorno. Esse silenciamento, sobre os operários diante de um novo uso, pode acabar com um esvaziamento do bairro por parte deles, por não se sentirem pertencentes aquele espaço ou até por não terem condições econômicas para permanecerem no local, retomando, como mencionado, na perda dessa identidade fabril e conseqüentemente da memória do trabalho.

A questão do entorno e sua identidade é de difícil manutenção e, principalmente, de retomada, uma vez a fábrica fechada, o esvaziamento já começa a acontecer, e conforme o tempo passa, vai se agravando. Logo, uma ação social por parte do poder público e/ou dos proprietários, e porque não de instituições de memórias da cidade, deve ser feita para que o esvaziamento não acarrete no silenciamento da memória do trabalho. Sabe-se que isso é difícil, até mesmo improvável, diante do nosso cenário cultural, mas pode ser responsabilidade daqueles que implementam os novos usos de que não apenas as edificações sejam preservadas e valorizadas, mas também aqueles que muito frequentaram esses espaços, sabiam como funcionava as máquinas e como era a administração, além de ter ali sua comunidade formada, com a qual se identificavam e socializavam.



Hoje, existem cidades fabris evidenciadas por um lado, quando se destacam o progresso e a modernidade das fábricas; e silenciosas por outro, quando a fábrica cessa, e as reminiscências que sobram são os operários e as tecnologias de produção fabril.

### Referências Bibliográficas

- BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Abramo e seus filhos: cartas familiares 1920-1945**. Caxias do Sul: EDUCS, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2005.
- BIBLIOTECA Nacional Digital**. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 01 fev. 2019
- BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. **Indústria de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.
- CAXIAS DO SUL (RS). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. **Projeto de Intervenção: Recuperação, Ocupação, Uso e Gestão da MAESA**. Caxias do Sul, nov. de 2015
- CAXIAS DO SUL (RS). Secretaria Municipal da Cultura, Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural – DIPPAHC. **Livro Tombo**. Caxias do Sul.
- COELHO, Jossana Peil. **Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS. 2017.
- COSTA, Ana Elísia da. **A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77820>. Acesso em: 01 fev. 2019.
- COSTA, Ana Elídia da. A Poética dos tijolos aparentes e o caráter industrial-MAESA (1945). **Seminário DOCOMOMO**, v. 4, 2013. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12935431/a-poetica-dos-tijolos-aparentes-e-o-carater-industrial-docomomo->. Acesso em: 10 fev. 2019.
- FELIN, Bruno. Quarto Distrito espera há pelo menos 30 anos por uma revitalização. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 de novembro de 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/11/Quarto-Distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Memória e história: educação profissional numa escola industrial. **Revista História Oral**, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=801&path%5B%5D=pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- HISTÓRIAS e fotos da maior enchente de Porto Alegre. **Sul 21**, 18 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/em-destaque/2015/10/historias-e-fotos-da-maior-enchente-de-porto-alegre/>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- LEDUR, Francini. Prefeitura tomba a antiga Brahma. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 de maio de 1999, p. 30.



NETO, Miron; SCHERER, Rose Fonseca; PRUNES, Tatiana. **Encarte Publicitário do Shopping Total**. Porto Alegre, 30 de maio de 2003

OLIVEIRA, Elisabete Porto de. **Viagem na memória do Fragata: Estudo sobre a história cultura de um “bairro cidade”**. 2007. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2007.

PAIM, Lorena. Patrimônio: Centro de compras no lugar de tradicional cervejaria. **Sul 21**, 20 de novembro de 2011. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/noticias/2011/11/patrimonio-centro-de-compras-no-lugar-de-tradicional-cervejaria/>. Acesso em: 03 fev. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

SECRETARIA anuncia etapas para ocupação de prédio histórico de Caxias do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 de agosto de 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/correio-do-povo/secretaria-anuncia-etapas-para-ocupacao-de-predio-historico-de-caxias-do-sul-24082018>. Acesso em 01 de fev. de 2019

THIESEN, Beatriz Valladão. **Fábrica, identidade e paisagem urbana: arqueologia da Bopp Irmãos: 1906-1924**. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**, TICCIH, 2003. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

TRANSFORMAÇÃO no prédio da Maesa. **Jornal do Almoço**, Caxias do Sul, 16 de dezembro de 2015, 04'18''. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/transformacao-no-predio-da-maesa/4680162/>. Acesso em: 11 fev. 2019

**Vila Flores**. Disponível em: <https://vilaflores.wordpress.com/about/>. Acesso em: 19 fev. 2019